

**GRUPO
DIVULGAÇÃO**

**A
AURORA
DA MINHA
VIDA**

NAUM ALVES DE SOUZA

**FORUM DA CULTURA
***** 21 HORAS *****
QUARTA A DOMINGO
OUTUBRO NOVEMBRO**

ASSPÍCIDO - UFJF - FURALFA



**GRUPO DIVULGAÇÃO
TEMPORADA 1987**

A AURORA DA MINHA VIDA
Naum Alves de Souza

NAUM, O AUTOR

Naum Alves de Souza é um paulista do interior e um homem de muitas artes. Pintor, desenhista, gravador, bonequeiro, figurinista, cenógrafo, ator, professor de teatro e artes plásticas, especialista em crianças e adolescentes, é autor de **Maratona, No natal a gente vem te buscar, Aurora da minha vida e Um beijo, um abraço, um aperto de mão**. Reconhecido pelo público e pela crítica, conquistou os mais importantes prêmios do teatro brasileiro, destacando-se o APCA (Associação Paulista de Críticos) e o Molière concedidos a **Aurora da minha vida**, considerado o melhor texto paulista de 1981.

Sua trajetória é coerente e marcada por extrema competência e uma presença fundamental fazendo avançar as diversas tarefas do ofício do espetáculo. Assim, de suas mãos saíram bonecos que tanto puderam ser vistos em escolas de samba quanto em **Vila Sésamo**, na televisão. Sua participação como figurinista de **Macunaima** contribuiu para fazer da encenação de Antunes Filho um marco na evolução do teatro brasileiro. Talvez por este compromisso integral com o teatro, a dramaturgia de Naum surge como um oásis na esterilidade em que se configura o momento atual da criação dramática no que diz respeito à produção de textos. Há na sua obra um sentido de integração e coerência tão marcantes que sempre que se faz referência a ela fala-se de trilogia, tetralogia e assim por diante. O conhecimento das técnicas de direção teatral tornam as suas peças organismos vivos que provocam o encenador requisitando a cena. Tudo é perfeitamente dosado, da ironia à ternura, do humor a um sentido trágico em que o misticismo comunga com os gestos mais cotidianos.

Há um profundo sentido de modernidade na dramaturgia de Naum Alves de Souza. O uso da estrutura desmontada que se revela a partir das situações, o poético que reside nesta situação e não no discurso verbal, as personagens que conjugam a exemplaridade do tipo e a sutileza de uma composição em profundidade, tudo isto é bom teatro contemporâneo. Acrescente-se, ainda, o exercício de diferentes versões, como a masculina e a feminina de **Um beijo, um abraço, um aperto de mão**, exercício de composição dramática que, em si mesmo, já revela a riqueza da obra e o teor visceral da temática. As peças de Naum se constroem sempre numa estrutura de prolongamento em que o espectador passa a compor as seqüências finais, nos incontáveis

“casos” que ela puxa em consequência do mergulho executado. Uma obra, enfim, em processo, mas que é também uma sucessão de obras-primas, levando o espectador a perguntar-se — qual será a próxima?

A figura de Ninjinsky, conta através do processo mítico, uma relação de amor e arte. Mais uma vez o autor emerge com seu lado de artista plástico e consegue contaminar o espectador através da beleza. Geminiano típico que intercambia funções e paixões, Naum, atualmente, está trabalhando, como diretor, versos de Adélia Prado, no espetáculo “Dona Doida”, protagonizado por Fernanda Montenegro.

A riqueza de seu trabalho atesta um apego ao teatro como forma viva de expressão. Competente por natureza entrelaça seus personagens de uma forma segura, partindo para a universalidade e recriando um universo intenso, fotográfico, rápido e nervoso. São textos que, sem dúvida, enriquecem a dramaturgia brasileira.



O CHEIRO DA MEMÓRIA

Maria Lúcia Rocha Ribeiro

O cheiro é misto. Mistura de cera e gasolina, refletindo nas cortinas alvas e opacas oscilando como fantasmas dependurados nas janelas gigantescas; leite fervido, pão no forno, rebombando no estômago ávido e ansioso. Os ruídos impregnados de odores são abafados por detrás das cortinas e das portas fechadas, tudo de uma limpeza reluzente: sussurros de canto, piano sincopado desafinando compassos de harmonia simples, ladainhas compridas e retalhos de lições, tabuadas, repressões...

No labirinto dos corredores e escadas, os vãos escondem sombras, tramas, dramas interrompidos pela alternância de um silêncio pesado, rompido apenas pelo estalo de tábuas seculares do assoalho incólume e pelo súbito estouro da boiada que parece colocar tudo abaixo — trovão retumbante que sucede à campainha do recreio.

Céus, como são altas as portas na lembrança! Como são grossas as grades nas janelas prendendo o sol lá fora, calando o barulho da vida que corre! Como são sombrios esses corredores que dão para o pátio da liberdade vigiada para o gabinete das repressões, para os aposentos proibidos, enfim para a rua desejada... Como são torturantes as filas, o calor áspero da casemira escura, das meias longas no verniz rangente dos sapatos... Como sufoca a mordaza do silêncio imposto, bloqueando o caso atravessado na garganta, isolando em ilhas próximas, cavando um fosso entre almas que aprendem o código dos gestos e dos olhares... Código em luta contra o código. Sineta, pára onde está — sineta, vai para o lugar — sineta, perfila... Porta que se abre: silêncio, cala, levanta, reza, assenta... sonha! evade! foge! acorda, retira da memória as palavras em sucessão sem sentido que se converterão em nota.

E aqueles olhos e ouvidos sempre atentos... a caixinha sobre a lousa, parecendo um rádio ou caixa de som marcando a presença do juiz supremo sempre atento ao erro e desatento aos acertos. De repente a voz distorcida a repreender mostrando que tudo é vigiado, que os segredos são devassados!

No calor da sala, tudo igual na diferença. Roupas iguais, objetos iguais, letras iguais, apreensões iguais. Almas tão diferentes nos sonhos iguais. Bilhetes, tramas, planos de ataque, segredos, maledicências, maldades, hipocrisias, ânsias na tensão dos tempos enjaulados, intervalo de sustos e riscos desvendados na meta de contagens de pontos. Abolido o quadro de honra anti-pedagógico, aposentadas as medalhas, a competição se instala mais fundo, mina a amizade e quem foge dela foge do código, perde o respeito e se isola.

Atrás do pátio escondidos riachos, flores, árvores, tentações de pular o muro em busca da fruta no pé. Aliás a tentação domina tudo. Tentação da conversa proibida, da cola, da troca de merendas (segredo da cozinha reservado às internas, contra as guloseimas vistosas das externas), do esmalte proibido nas unhas, do batom, do adereço no uniforme, do devassamento dos armários com cadeado, dos dormitórios das freiras, do nome das freiras, das hóstias da capela, do vinho do padre. Tentação da fuga pela fuga, do riso solto, da voz alta, da liberdade!

“Viva o sol do céu de nossa terra”, morrendo ou nascendo atrás da linda serra, a quatro vezes preenchendo a gala dos uniformes brancos, com chapéu e emoção. O poema decorado às pressas, sai trêmulo e monótono, cantante nas sílabas fortes desenhadas nos gestos grandiloquentes dos pequenos braços abertos enfaticamente. . . . Soluços por todas as mães ausentes no seu dia, luto por todos os irmãos atropelados na porta de casa. Tropeço nos dramas cotidianos. Tropeço na vida que vara as espessas paredes protetoras da redoma.

Retalhos, nacos de vida descosturados que a ciência quer exorcizar repetindo a assepsia dos assoalhos e paredes daquele mundo primordial. Aurora instável — ora nublada, ora solar, ora tempestuosa — mas sempre aurora aprisionada nos álbuns de retratos, intercalando poses retocadas formais, sóbrias e pomposas com instantâneos brincalhões, provocantes e careteiros sem retoque!

Aurora da minha vida, de Naum Alves de Souza é isto. Instantâneos sem retoque da vida, vazando a lágrima escondida por detrás do sorriso e o tapa disfarçado no afago. A infância relembrada deixa de ser aquela tarde fagueira e a

sombra das laranjeiras não protege do sol causticante imposto pelo alto preço da liberdade — a “eterna vigilância”. Se “é cedo que se torce o pepino” aqui se mostra que não há torção sem dor ou sem perda de identidade.

Bondade e maldade se confundem quando a máscara institucional encobre o instinto da opressão que se transmite numa cadeia irrefreável. Confrontando mundo adulto e mundo infantil, sem fantasia ou alibi para nenhum dos dois, Naum penetra no universo da alma humana e daí de dentro revê os alicerces da ordem social. Sua denúncia é forte porque não fica de fora, é uma forma de implosão que integra o espectador como participante do processo do desvio encenado. Ali estamos todos — vítimas e opressores — nesta trajetória despida de heroísmo.

Há um clima de Nelson Rodrigues no ar. Mas um Nelson Rodrigues sem manchete, sussurrante. Um Nelson Rodrigues de calças curtas, já impregnado de visão trágica e lucidez cruel, pronto a fazer a autópsia da náusea — entre quatro paredes, longe da vitrine onde o grande dramaturgo se expôs em holocausto. Em Naum, como em Nelson, não há compaixão mas também não há alibi que a justifique. Todos estão mergulhados num mesmo oceano de mágoa e culpa onde o bem e o mal são circunstâncias ocasionais armadas pela própria condição de estar vivo. O livre arbítrio não é uma opção, mas toda opção uma contingência.

Se um destino trágico conduz as personagens rodrigueanas, os valores que configuram a realidade com tal intensidade que se manifestam como naturais e indiscutíveis, acabam arrastando um cotidiano anônimo em que mergulham — ora submersos, ora à tona — os seres de Naum. No entanto a solidão é a mesma, a fatalidade se repete, a opressão e a falência da solidariedade continuam a falar mais alto.

Aurora da minha vida é obra de um homem de teatro, conhecedor dos ofícios que compõem a prática do drama. Arma-se como um texto-painel com prólogo e dois atos fracionados em cenas, todas elas precedidas de títulos, compondo uma estrutura épica brechtiana. Canções e poemas que saltam dos hinários e compêndios escolares pontuam as seqüências entrecortadas de situações que o espec-

tador costura ao refazer o caminho de suas reminiscências. Do anedótico ao melodramático, passando por momentos apenas imaginados como o inquietante "Um diálogo que não houve, não só por falta de tempo", a peça se estende revelando, além do fato, os hiatos de relações, o osso atravessado na garganta, o que poderia ter sido e que não foi.

Nesta espécie de sinfonia rodrigueana depurada, reinventada permanece do mestre do teatro a insistência no compromisso com o espectador agente primordial do pacto. Também aqui não se pode assistir à peça; de fato assiste-se a peça, compactua-se, testemunha-se, ativamente a recomposição de uma etapa de nosso próprio caminho. Por isto a peça incomoda, perturba e anestesia em que relegamos as vivências mais profundas mascaradas na tragicidade da fórmula . . . "você se lembra . . .?" E a verdadeira lembrança retalhada nesses flashes de escavação da alma assumem finalmente a feição de alerta e compromisso.

Aurora dialoga com **Girança** e se inscreve na convocação de todos para a construção de um novo tempo, onde a mudança e a renovação deixem de ser os signos do engodo e do mascaramento da nova embalagem de conteúdos estagnados da acomodação.

EU, DIRETOR, ME CONFESSO

José Luiz Ribeiro

A Aurora de minha vida, de Naum Alves de Souza é um destes textos que nasceram para ficar dentro a história da dramaturgia brasileira. Documentando uma época, mostrando linhas de tensões e traçando um painel da vida do homem brasileiro, o texto é um ponto de partida para reflexões mais profundas.

Há alguns anos li no "Jornal do Brasil" o anúncio da última récita do espetáculo carioca, sob a direção do autor. Era de manhã. Telefonei para um antigo amigo e, à tarde, numa vesperal, eu, já no Rio, entrei em contato com **Aurora**. Foi um ataque fulminante de paixão.

Havia no texto de Naum um diálogo com outro alinhavado dentro de minha gaveta e que, mais tarde, veio a se chamar **Girança**. Pontos se tocavam e dentro de mim surgiu um desejo incrível de montar um espetáculo sobre aquele texto.

Lindolpho Gomes, figura tão ligada à cultura juizforana, e outros autores que povoavam os compêndios dos anos 40 e 50, frases soltas, sensações, medos, angústias e alegres risos foram acordados. Era uma peça para ser montada em Juiz de Fora. Era a Juiz de Fora do Congresso Eucarístico, das procissões recheadas de alunos em trajes de gala. Era a aurora da minha vida.

Durante mais de quatro anos recebemos o taxativo **não** da SBAT que nos pintava um Naum duro e repressor. Esta imagem se chocava com outra de amigos comuns. E num dia de absoluto desespero parti em busca da autorização. Naum ensaiava **Dona Doida**, com Fernanda Montenegro. E do fundo desta atmosfera mágica brotou este espetáculo. A autorização veio no segundo dia de contato. São Miguel nos protegeu e agora começou um vôo mágico em busca de uma alegria que só o milagre regenerador do teatro pode nos dar.

Já havíamos percorrido, num seminário, o caminho do teatro memorial brasileiro. O teatro de memória, em alguns pontos confessional, nos atraiu como a emergência de uma forma que se avulta dentro da moderna dramaturgia. Com **A mar-**

gem da vida, de Tennessee Williams, **Longa jornada**, de O'Neill e **O preço**, de Miller, encontramos, mergulhando nossa bateia no rio da história brasileira, uma série de textos que, se montados, dariam testemunho do nosso tempo, através de personagens simples e, em alguns casos, até sem nome.

Rasto atrás, de Jorge Andrade, **Girança**, já montada pelo Grupo, **Somos todos do jardim de infância**, de Domingos de Oliveira, **Aurora de minha vida** e **No natal a gente vem te buscar**, de Naum Alves de Souza, estiveram entre os textos selecionados para a leitura e criação deste painel memorial que mostrava diversas estações do ser humano.

Aurora era irreversível. Assim, mergulhamos num trabalho feérico para a criação deste ambiente escolar. A escola com seus hinos, cantos, brincadeiras começa na primeira cena com a apresentação de um "número artístico" muito ensaiado pela simpática professora do maternal.

O aluno visitante reencontra-se com sua memória e, dentro em pouco, os personagens são acordados. Do primário ao temido exame de admissão ao ginásio ... a teia de Naum é tecida de maneira nervosa, aos saltos e de forma avassaladora. A personalidade dos alunos "que não devem se desviar do caminho que devem seguir" começa a ser formada como o ferro temperado nas forjas sociais.

Os professores vão apresentando rostos diferentes, e as reações evoluem, num ritmo lento que se precipita com agressividade ao encontro dos embates da vida e da morte. A escola com sua Sala da Direção, sóbria e suntuosa, deixa a boca escancarada, como no canto da **Divina Comédia**: "— Deixai aqui todas as esperanças, ó vós que entráis". E então os dias alegres da meninice cedem lugar ao ginásio exigente e avassalador.

Aurora, para mim, é uma pequena caixa de música; nela os conflitos surgem delicados, as emoções são despertadas. É uma peça para se assistir e ter saudade. O vozerio do velho ginásio, abafado em alguns momentos e escancarado em outros, lembra o final da tarde, quando as sobras de luz vão aos poucos se matizando de outros tons, até seu mergulho na noite imemorial dos tempos.

Nossa escola tem alegria, medo, susto e é uma escola onde se estuda muito. Ela possui os riscos do tempo e procura se engalantar na Festa de Formatura, onde os discursos, ponteados pela valsa da despedida, vão falar de "borboletas azues voando na imensidão da saudade". **Aurora** é, para nós, o reencontro do frescor da meninice. É o sinal de regeneração e revigoração de um grupo de teatro.

DIVULGAÇÃO: uma visão.

Falar do Grupo Divulgação?

Falar do Divulgação é falar de mim mesmo, pois faço parte dele. Mais do que isso, ele faz parte de mim!. Nascido nos anos 60, 7 de julho de 1966, um pouco depois de mim, o Centro de Estudos Teatrais, Grupo Divulgação, tinha como meta reunir pessoas afins para estudar, discutir e, mais tarde, fazer teatro.

Quando eu comecei a falar, o grupo começou também, aprendendo primeiro o valor da palavra, a riqueza da expressão oral. O Divulgação investigava poemas, tendo dos poetas a voz para os primeiros balbucios. E eu, que mal conseguia falar Guto, virei Guy. Era um tempo rico para a cultura juizforana. Enquanto eu corria, muito mais do que andava, por não ter firmeza e equilíbrio suficientes, o Divulgação dava seus primeiros passos, bem pensados e firmes, na direção de um caminho não sabido. Mas eram tempos difíceis de ditadura e censura brava. Ainda criança, dizendo palavras insensatas, tive que me curvar à censura dos adultos e passar a medir minhas palavras. O Divulgação, ao contrário, não cedeu. Enfrentou a censura, utilizando artimanhas variadas. Até diálogos censurados foram interpretados, ao invés de serem ditos e o público, de uma maneira ou de outra, sentiu a loucura deste momento.

Veio a adolescência e muitos questionamentos. A busca de identidade. O Divulgação identificou-se com Juiz de Fora e passou a produzir para a cidade. Gilson Salomão cria o Fórum da Cultura e o grupo ganha um novo lar. Não é nenhum palácio, mas, se contar, ninguém acredita na variedade de coisas que existe lá dentro — máscaras, panos, figurinos, cenários, ferramentas, lâmpadas, pares e pares de sapato, geladeira, amizade, paixão ... teatro mesmo! Nossa segunda casa. Cuidamos dela como a mãe que zela por seu filho. Com a casa nova, o Divulgação começava a se tornar grande e eu ainda era pequeno.

Senti minha primeira grande perda, a ausência de meu pai, enquanto o grupo já sentia tantas, mas sempre se renovando, substituindo e ensinando. Sempre acolhendo aqueles que tinham no coração o amor pelo teatro. Foi mais ou menos

nessa época que encontrei esse homem tão diferentemente interpretado, quanto os personagens que ele fez. A princípio, o Zé Luiz era mais um professor, mas era diferente dos outros, porque nos colocava para pular de um lado para o outro como sapos e sem saber o porquê daquilo. Aos poucos, o fui aprendendo e, hoje, não o posso interpretar, pois ele é meio pai para mim e nunca conhecemos a fundo nossos pais, nem nossos padrastos. Eles são mitos e nós os veneramos.

A Léa, através de sua experiência vivida no Grupo Divulgação muito antes de mim, foi quem me fez pisar em um palco pela primeira vez, junto com o Orione, a Gisa e alguns outros. Estranho que alguém, em busca de sua identidade, encontre no teatro seu caminho, já que ele me possibilita não uma, mas várias identidades. Fazendo teatro no GMT, Grupo Magister de Teatro, eu acompanhava o trabalho do Divulgação, mas ele era algo inatingível para mim. Eu era tiéte, fã. Freqüentava até os ensaios. E foi num ensaio, em "O Rei da Vela", que subi ao palco do grupo pela primeira vez (e tremi como nunca!), empurrado pelo Zé e amparado pela Lêda.

Veio o vestibular e eu, **careca**, ingressei oficialmente no Divulgação. Em cartaz: "Dr. Getúlio, Sua Vida e Sua Glória" e "A Colcha do Gigante". E lá "tava" eu, agora, como ator do grupo e, com ele, passei pela minha primeira crise. Mas saí empenhado em brigar pelo que queria. "O Jardim de Cerejeiras" foi um exemplo disso, reforçado, mais tarde, pela apresentação de "Fausto", no Festival Nacional de Teatro Amador de São José do Rio Preto, quando por pouco não nos apresentamos, devido a uma briga com a direção do Teatro. São histórias e mais histórias que eu poderia contar. Gostaria muito de falar do lacha, meu personagem em "O Jardim de Cerejeiras". Foi um trabalho sério que me gratificou muito. Queria também falar do Mangini e de "Esta Noite se Improvisa", montagem do grupo reconhecida a nível nacional, onde, mais do que nunca, brincávamos com o público. Não me esqueço do Bob, do Valentim e da morte; do Robô ... Ah, do Pai e dos meus filhos, em "Girança", um texto que não foi simplesmente interpretado, foi vivido; do Urubu e a descoberta de que eu podia fazer o público rir e tantos outros personagens, sem contar as iluminações, que tanto gosto de fazer.

O Grupo Divulgação foi para mim uma escola, onde aprendi muito mais do que representar, iluminar, cenografar, abrir e fechar cortina, costurar, lavar banheiro, etc ... aprendi a me conhecer melhor. O Divulgação me ajudou a encontrar

o meu caminho e, talvez, minha profissão; ensinou-me a conviver com as pessoas e me apresentou Valéria, Oswaldo, Felipe, Tom (quem é Tom?), Renata (especialmente), Ana Carla ... me reapresentou ao Suca e mais: Marcinha, Marise, Arlete, Fatinha, Aleyse, Rogério, Júlio, Augusto, Alice, Nilma, Luciana e Luiz Fernando.

Curiosamente, eu, que um dia comecei a namorar o teatro e encontrei no Zé uma pessoa que me deu força e me trouxe até aqui, agora dou força pra que outros enamorados sigam em frente. Será um ciclo?

Nascer	Diálogo
Crescer	Conflito
Assimilar	Energia
Criar	Emoção
Transmitir	Expressar
Ensino	Técnica

Obrigado Divulgação.

Guy Schmidt
setembro de 1987

O PÚBLICO E O DIVULGAÇÃO

Tem contribuído muito com a divulgação do teatro, trazendo boas peças e popularizando os grande autores na nossa cidade.

(Maria Helena Campos, professora, Costa Carvalho)

Excelente, atingindo realmente a meta do grupo: divulgação da cultura, do lazer, do entretenimento ao mesmo tempo em que faz uma crítica social e política.

(Francisca Lobo, dona de casa, Centro)

Ótimo. Admiro há muito tempo o trabalho do grupo: honesto, expressivo, válido e significativo, que deveria receber, da comunidade, todo apoio e aplauso.

(Nivaldo Soares, psicólogo, Santa Helena)

Acho um trabalho maravilhoso.

(Luiza Brandil, balconista, São Pedro)

Um trabalho respeitadíssimo, que se impõe pelo excelente nível.

(Marcos Passini, estudante, São Mateus)

É um incentivo ao desenvolvimento cultural da cidade. É um ótimo grupo e que nos últimos anos vem recebendo o valor que merece.

(Patrícia da Silva, estudante, Borboleta)

Ótimo. Não perco uma peça. O grupo nada fica a dever às grandes companhias de teatro.

(Lucymar Costa, enfermeira, Bonfim)

Um trabalho maduro e cada vez mais criativo.

(Mara de Oliveira, secretária, Marumbi)

Muito bom. Virei tiete do grupo desde que assisti pela primeira vez o seu trabalho n'Ó Rei da Vela.

(Inácio Machado, estudante, Santa Luzia)

Um trabalho maravilhoso, de muita integração, garra e principalmente amor à arte.

(Mara Sílvia Pinheiro, médica, Rio de Janeiro)

É maravilhosa a dedicação e a preocupação de apresentar o melhor. Continuem assim...

(Verônica Weiss, professora, Mariano Procópio)

Eu acho o trabalho do Grupo Divulgação ótimo. E torço pelo contínuo sucesso que vem fazendo.

(Nathale de Souza, estudante, Bairro de Lourdes)

Excelente. Trabalho que ocupa o espaço cultural da cidade aberto pelo próprio grupo, através de sua competência, seriedade e criatividade.

(Eunice Morando, psicóloga, Jardim Glória)

Eu adoro o trabalho do Divulgação!

(Edimar Pereira, pedreiro, Santa Efigênia)

Não deve parar. O grupo é uma das poucas manifestações autênticas e espontâneas do teatro, sem falar na expressividade para a cidade.

(Celso Renato, funcionário público, Novo Horizonte)

Fantástico. Atores grandes e diretor enorme. Parabéns.

(Rita Pérez, vendedora, Centro)

Acho um trabalho sério, criativo. O grupo está de parabéns pelo trabalho desenvolvido.

(Mariângela Macedo, auxiliar de biblioteca, Granbery)

Na linguagem dos meus filhos: "O maior barato, massa!"

(Gilberto Malafaia, engenheiro florestal, Passos)

O grupo tem desenvolvido um trabalho maduro, consciente e crítico da nossa realidade.

(Maria de Fátima Mattos, professora, Poço Rico)

Eu acho ótimo. Gosto do senso crítico, adoro assistir aos espetáculos. Faz com que nós saíamos do teatro pensando, refletindo sobre o que acabamos de ver.

(Marta Andréia, balconista, Bom Jardim)

Muito bom. Me são sempre gratificantes as apresentações do grupo.

(Roberto Lima, eletrotécnico, Santa Terezinha)

É um trabalho muito importante, pois une o lazer à cultura.

(Márcia Cristina Barbosa, atendente, Santa Luzia)

É um trabalho criativo e inovador. Ótimos atores e peças cada vez melhores.

(Ana Cláudia Felipe, estudante, Francisco Bernardino)

São textos e atores excelentes, que emocionam tanto o público adulto quanto o infantil.

(Maria Eliza de Oliveira, estudante, Rio de Janeiro)

Atualmente a juventude anda tão desligada e confusa, que é raro vermos um grupo que leva a sério este tipo de trabalho. Admiro e valorizo muito o grupo. Parabéns.

(Iriane Trindade, operadora de caixa, Bandeirantes)

Acho muito bom o trabalho. Aprecio principalmente a maneira como vocês colocam temas atuais nas peças.

(Isaura de Oliveira, programadora, Jardim do Sol)

Considero um trabalho muito interessante, merecedor de muito reconhecimento público pela força com que é apresentado. Acho realmente muito bom.

(Paulo Halo, auxiliar de escritório, Bairro Industrial)

É um trabalho excelente, importante e sério na medida em que divulga acontecimentos, entretém de modo simples, direto e inteligente.

(Maria Felícia de Almeida, programadora, Boa Vista)

Fantástico. Um trabalho consciente, educativo, adulto, eficiente. Um trabalho informativo e eficaz.

(Elzira Ferreira, comerciária, Grajaú)

Um trabalho sério, profissional, que engrandece e eleva a cultura de Juiz de Fora.

(Regina Pereira, funcionária pública, Benfica)

Acho muito legal, porque é tudo organizado nos mínimos detalhes.

(Neide Silva, auxiliar de arremate, São Benedito)

Excelente. Admiro a perseverança do grupo e a qualidade. É realmente uma "escola" de teatro, "oficina" de trabalho e "laboratório" de vida.

(Maria José Sales, engenheira, São Bernardo)

Muito bom. Sensível e crítico.

(Margarida Rodrigues, psicóloga, Muriaé)

Muito válido, principalmente por sua continuidade nas realizações de trabalho em Juiz de Fora.

(Erika Corrêa, psicóloga, Caratinga)

É um ótimo trabalho, devido ao empenho e dedicação de todos vocês. Adoro!

(Carmem de Paula, professora, Santos Anjos)

Um trabalho excelente, que deve continuar.

(Luis-mar Toledo, técnico industrial, Cerâmica)

Excelente. Um grupo que luta pelo seu espaço e que tanto contribui para a nossa cultura.

(Maria Helena Moreira, supervisora de ensino, Bom Clima)

Sempre fui fã. Ótimo!

(Luciano Calvário, músico, São Mateus)



**CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS**

**Grupo Divulgação
apresenta**

**A AURORA DA MINHA VIDA
de
Naum Alves de Souza**

Ex-aluno, Diretor, Professores do ginásio	José Luiz Ribeiro
Velha Professora e Aluna	Marise Mendes
Mãe, Aluna Adiantada e Freira	Renata Paiva Pessoa
Gêmea I	Nilma Raquel Silva
Gêmea II	Luciana Vaz de Mello
Aluno Padrão	Luiz Fernando Rocha
Professora Primária, de Ciências e Aluna	Alice Friesz
Professora de Francês e Aluna	Márcia Falabella
Orfão	Rogério Corrêa
Aluno	Júlio Venâncio
Quieto	Guy Schmidt
Gorda	Aleyse Gramigna
Professora de Linguagem, Inglês e Aluna	Arlete Heringer
Puxa	José Márcio de Souza
Bobo	Augusto França
Execução de Iluminação	Ângelo Moraes
Execução de Sonoplastia	Fátima Amorim
Figurinos	Malu Rocha Ribeiro
Administração	Virgínia Fonseca
Cartaz, Cenário e Direção	José Luiz Ribeiro

Grupo Divulgação
trabalhos apresentados:

espetáculos antológicos:

amor em verso e canção
o homem do século XX
antologia da mulher

apresentação didática:

morte e vida severina, de joão cabral de melo neto
coral universitário
belmiro, murilo, pedro nava
camões
a menina casadoira, de ionesco
pic-nic no front, de arrabal
sganarello, de molière
lição de molière, de josé luiz ribeiro
a farsa do mestre pathelin, anônimo medieval
manuel bandeira, do brasil, de malu ribeiro

departamento de teatro infantil:

A Onça de Asas
Circo de Bonecos
Estória de lenços e ventos
Nem tudo está azul no país azul
Guairaká
O embarque de Noé
D. Baratinha
A gema do ovo da ema
A colcha do gigante
Girassinho
Putz, a menina que buscava o sol
A noite dos duendes
Bem do seu tamanho

walmir ayala
oscar von pfuhl
ilo krugli
gabriela rabelo
josé luiz ribeiro
maria clara machado
josé luiz ribeiro
sylvia orthoff
zuleika mello
josé luiz ribeiro
maria helena kuhner
josé luiz ribeiro
ana maria machado

Outros espetáculos:

cancioneiro de lampião
o urso
bodas de sangue
electra
diário de um louco
pequenos burgueses
a visita da velha senhora
escola de mulheres
escurial
romanceiro da inconfidência
maria stuart
a morta
o patinho torto
yerma
seis personagens a procura de um autor
as criadas
arlequim servidor de dois amos
calígula
guerra mais ou menos santa
pedreira das almas
só o faraó tem alma
o beijo no asfalto
mas que papel, seu bacharel
o estado de sítio
boca do inferno
a mandrágora
o rei da vela
como se fazia um deputado
dr. getúlio, sua vida e sua glória
o jardim das cerejeiras
esta noite se improvisa
o inspetor geral
fausto
girança
a casa de bernarda alba
grito mudo
as aventuras do tio patinhas
a aurora da minha vida

nertan macêdo
anton tchekhov
federico garcía lorca
sófocles
nicolai gogol
máximo górkí
friedrich dürrenmatt
molière
michel de ghelderode
cecília meireles
friedrich von schiller
oswald de andrade
coelho netto
federico garcía lorca
luigi pirandello
jean genet
carlo goldoni
albert camus
mário brasini
jorge andrade
silveira sampaio
nelson rodrigues
josé luiz ribeiro
albert camus
marcus vinícius
maquiavel
oswald de andrade
frança júnior
dias gomes e ferreira gullar
anton tchekhov
luigi pirandello
nicolai gogol
johann wolfgang von goethe
josé luiz ribeiro
federico garcía lorca
josé luiz ribeiro
augusto boal
naum alves de souza

AGRADECIMENTOS

Prof. Sebastião Marsicano Ribeiro
Magnífico Reitor da UFJF

Profa. Maria José Féres Ribeiro
Pró-Reitora de Assuntos Comunitários

Dr. Antonio José Cedrola
Departamento de Assuntos Comunitários

Profa. Leila Fonseca Barbosa
Gerente de Atividades Culturais

Profa. Marisa Timponi
Gerente de Cultura da PROEP

Sr. José Walter de Andrade Ávila
Responsável pelo expediente da Imprensa Universitária

Pessoal da Imprensa Universitária

Dr. Reginal Arcuri
Superintendente da Funalfa

Prof. José Eustáquio Romão
Secretário Municipal de Educação

Meios de comunicação e aos que acreditam que

Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro"

(Lorca)